

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” - uma frase em devir

Newton de Andrade Branda Junior (CAPES)

Doutorando em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP)

São Paulo, Brasil

branda@usp.br

Resumo

Nos 75 anos da primeira publicação da obra *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, fazemos um breve percurso sobre as repercuções da emblemática frase que inicia o segundo volume da obra (“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”) em significativos e específicos momentos da história recente europeia e brasileira. Mostramos a ampliação de sua abrangência a partir dos trabalhos das filósofas Carla Rodrigues e Judith Butler, voltados para a identificação da construção sócio-histórica dos conceitos de sexo e gênero, e transcendemos sua semântica tendo por ponto de partida a obra do filósofo Paul Preciado direcionada à proposta de um Transfeminismo global.

Palavras-chave: Simone de Beauvoir, Carla Rodrigues, Judith Butler, Paul Preciado, Transfeminismo

Abstract

On the 75th anniversary of the first publication of Simone de Beauvoir's work "The Second Sex", we provide a brief overview of the repercussions of the iconic phrase that opens the second volume of the book ("One is not born, but rather becomes, a woman") in significant and specific moments in recent European and Brazilian history. We demonstrate the expansion of its scope through the works of philosophers Carla Rodrigues and Judith Butler, who focus on identifying the socio-historical construction of the concepts of sex and gender. Furthermore, we go beyond its semantics, using the work of philosopher Paul Preciado as a starting point for the proposal of a global transfeminism.

Keywords: Simone de Beauvoir, Carla Rodrigues, Judith Butler, Paul Preciado, Transfeminism

A filósofa e romancista francesa Simone de Beauvoir (1908-1986) inicia o volume 2 de sua obra monumental sobre a condição da mulher, *O Segundo Sexo*, com as seguintes frases:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um *Outro* (Beauvoir, 2019, vol. 2, p. 11).

Lançada na França em 1949, a obra é uma das mais celebradas e importantes para a humanidade e para o movimento feminista. Ela vem tendo um papel fundamental na opinião e ações de diversas pensadoras e ativistas de todo o mundo, em especial nos anos 1960 e 1970. No Brasil, foi publicada pela primeira vez em dois volumes pela Difusão Europeia do Livro (DIFEL) em 1960¹: *Fatos e mitos*, volume 1 que faz uma reflexão sobre mitos e fatos que condicionam a situação da mulher na sociedade, e *A experiência vivida*, volume 2 que analisa a condição feminina nas esferas sexual, psicológica, social e política. Muitas edições se seguiram e em 2024 a obra celebra seus 75 anos.

O Segundo Sexo, que relata as construções sociais em torno da “figura feminina”, foi considerado um dos 100 melhores livros do século 20 em um ranking organizado em 1999 pela empresa francesa de produtos culturais e eletrônicos Fnac e pelo jornal

¹ BORGES, J.V. *Da (des)construção do “Clássico”: O Segundo Sexo e mística feminina* no Brasil e na Argentina. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10. **Anais Eletrônicos**. Florianópolis, 2013. Disponível em: <http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1381836121_ARQUIVO_joana-vieira-borges.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2023.

francês *Le Monde*² e fez parte da lista de publicações proibidas pelo Vaticano, o *Index Librorum Prohibitorum*, extinto pelo Papa Paulo VI em 1966³.

No Brasil, o título foi lançado antes do Golpe Civil-militar de 1964, mas foi impedido de circular logo em seguida (a princípio, toda obra que contivesse a palavra “sexo” no título era censurada pelo governo brasileiro) e, mais recentemente, em fevereiro 2019, quando o ministro Celso de Mello, relator de uma das ações que pediu a criminalização da homofobia e da transfobia no Supremo Tribunal Federal⁴, citou a famosa frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, Simone de Beauvoir virou *trending topic* na rede social Twitter⁵ (atual X).

É a partir do uso dessa frase de Simone de Beauvoir⁶ que iremos acompanhar o que entendemos como uma ampliação de sua concepção sobre sexo e identidade de gênero a partir da visão de outros dois autores: a estadunidense Judith Butler (nascida em 1956) e o espanhol Paul Preciado (nascido em 1970). Mais especificamente,

² Wikipédia. *Les cent livres du siècle*. Disponível em:
https://fr.wikipedia.org/wiki/Les_cent_livres_du_siècle. Acesso em: 31 ago. 2023.

³ IÁCONIS, H. Das obras proibidas aos livros mais vendidos. **Jornal do Campus**, São Paulo, 27 jun. 2016.
<http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2016/06/das-obras-proibidas-aos-livros-mais-vendidos/>. Acesso em: 31 ago. 2023.

⁴ A criminalização da homofobia e da transfobia foi permitida pelo Supremo Tribunal Federal (STF) em decisão de junho de 2019. Por 8 votos a 3, os ministros consideraram que atos preconceituosos contra homossexuais e transexuais passariam a ser enquadrados no crime de racismo. **G1**, Rio de Janeiro, 31 de set. 2021. <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/09/30/homofobia-entenda-situacoes-que-configuram-crime-e-quais-as-penas.ghtml>>. Acesso em: 31 ago. 2023.

⁵ IZAAL, R. 'O segundo sexo' chega aos 70 anos. Mas será que a obra de Simone de Beauvoir continua relevante? **O Globo**, Rio de Janeiro, 6 mai. 2019. Disponível em
<https://oglobo.globo.com/cultura/celina/o-segundo-sexo-chega-aos-70-anos-mas-sera-que-obra-de-simone-de-beauvoir-continua-relevante-23642921>. Acesso em: 31 ago. 2023.

⁶ Segundo a escritora e ensaísta francesa Danièle Sallenave, a frase de Beauvoir tem sua origem em uma obra de Erasmo de Roterdã (1466 – 1536), em seu tratado sobre educação *De pueris instituendis* (Como educar as crianças), publicado em 1519 e traduzido para o francês em 1537. Na obra, ele diz: “não se nasce homem, torna-se homem”, tendo aqui a palavra “homem” um sentido genérico, de humanidade. Mas, Erasmo também não teria inventado a expressão. O autor original da fórmula, segundo Sallenave, teria sido um dos primeiros escritores do cristianismo, Tertuliano (150 – 220). Ele escreveu uma Apologética, que significa “a arte de defender e explicar sua posição”, na qual podemos ler: “Nós não nascemos um cristão, tornamo-nos um”. *L'histoire d'une formule*. **France Culture**, Paris, 7 fev. 2014. Disponível em
<https://www.franceculture.fr/emissions/les-idees-claires-de-daniele-sallenave/lhistoire-dune-formule>. Acesso em: 31 de ago. 2023.

trabalharemos a partir de duas de suas obras, *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade* (Butler, 2003) e *Transfeminismo* (Preciado, 2018). A descrição desse movimento de ampliação que se deu a partir de uma apresentação sobre o pensamento de Butler feita em um seminário em 21 de maio de 2019 no Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP) por Carla Rodrigues, Professora Doutora da cadeira de Ética no Departamento de Filosofia da UFRJ, pesquisadora dos programas de pós-graduação em Filosofia da UFRJ (IFCS) e da UFF (IFCH).

No original francês, a primeira frase do volume 2 de *O Segundo Sexo* está escrita da seguinte forma: “*on ne naît pas femme : on le devient*”⁷. A tradução para o português, realizada por Sérgio Milliet no Brasil na década de 1960, ficou assim: *Ninguém nasce mulher: torna-se mulher*. Essa pequena frase, tão mencionada e repetida na cultura ocidental, traz, em um certo sentido, a síntese da proposta principal de Beauvoir em sua obra: a desigualdade de gênero é culturalmente construída, ela não é natural. Para a autora, nos primórdios da história humana, as mulheres são iguais aos homens, tanto intelectualmente quanto fisicamente. É o homem, porque ele passou a produzir a ideologia, porque ele se fez dominante, que, para se ver na posição de “Sujeito” (frente a um “Objeto”), de “Senhor”, torna as mulheres seres inferiores, seres biológicos, irracionais, que estariam à mercê de seus hormônios, emoções descontroladas, fraqueza física, intelectual e moral⁸. Para demonstrar essa dominação, Beauvoir toma por base a dialética do senhor e do escravo, desenvolvida pelo filósofo alemão Friedrich Hegel na *Fenomenologia do Espírito*, obra de 1807. Nela, *grosso modo*, apresenta-se que o homem dominador, para se colocar como tal, procura se afirmar negando o outro. Nesse caminho histórico ocidental e europeu (porque há outros caminhos históricos no mundo, é sempre bom lembrar), a mulher (entre outros seres humanos generificados, sexualizados, racializados etc.) então se torna o “Outro”, o “Objeto do Sujeito-homem”,

⁷ BEAUVOIR, S. *Le deuxième sexe*, tome 2: L’expérience vécu. Amazon.fr, Folio essais, Paris, 21 de abr 1986. Disponível em: <<https://www.amazon.fr/deuxieme-sexe-2-Simone-Beauvoir/dp/2070323528>>. Acesso em: 31 ago. 2023.

⁸ La-Philo. De Beauvoir: on ne naît pas femme on le devient (explication). Disponível em: <<https://la-philosophie.com/on-ne-nait-pas-femme-on-devient-de-beauvoir>>. Acesso em: 31 ago. 2023.

um ser dependente do reconhecimento que o homem lhe dá. A mulher europeia dá à luz, fica em casa, cuida do lar, ou seja, se volta para o trabalho reprodutivo⁹, enquanto o homem arriscaria sua vida na luta pela sobrevivência, saindo para caçar ou trabalhar, o que seria, convenientemente, superior no entender masculino. Dessa forma, com o tempo, a mulher passa a ser considerada pelos homens apenas como órgão reprodutivo e não como companheira nas atividades sociais. A mulher se vê mantida pelo homem no nível da animalidade.

É nesse sentido que Beauvoir diz que não se nasce mulher, que as pessoas se “tornam” mulheres pela experiência histórico-social que vivem. “Aliás, a humanidade é coisa diferente de uma espécie: é um **devir** histórico; define-se pela maneira pela qual assume a facticidade natural” (Beauvoir, 2019, vol. 2, p. 541, grifo nosso). Ademais, o verbo “devir”, como proposto pela professora Carla Rodrigues (informação verbal) no seminário de 21 de maio de 2019 na FFLCH-USP¹⁰, se encaixaria melhor na tradução do “*deviant*” da frase de Beauvoir, pois “devir” em português, além de possuir a mesma raiz etimológica latina (*devenire*) do verbo *devenir* (em francês), em especial na sua forma substantiva, está mais associado à ideia de um fluxo, de movimento ininterrupto, do que “tornar” (em “torna-se mulher”), que remete mais à noção de “voltar ao lugar de onde saiu; regressar ao ponto onde esteve; volta”¹¹. Então, a frase de Beauvoir em português, pelo caminho sugerido por Rodrigues, ficaria:

Ninguém nasce mulher: se devém mulher.

Ainda pela chave da leitura sugerida por Carla Rodrigues e a partir da obra *Problemas de gênero: Feminismo e subversão de identidade*, de Judith Butler, podemos

⁹ Cf. FEDERICI, Silvia. *O Ponto Zero da Revolução: Trabalho Doméstico, Reprodução e Luta Feminista*. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

¹⁰ Seminário que posteriormente derivou no artigo *Ser e devir*: Butler leitora de Beauvoir, Cad. Pagu (56), 2019; e195605. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/cpa/a/ggk8FWXijF6nVswv5bMMHbF/>> . Acesso em: 29 dez. 2023.

¹¹ Grande Dicionário Houaiss. Verbetes “devir” e “tornar”. Disponível em <<https://houaiss.uol.com.br/>>. Acesso em: 31 ago. 2023.

fazer um segundo movimento na estrutura original da frase de Beauvoir. Em seu trabalho, lançado nos Estados Unidos em 1990, Butler demonstra em sua lógica como os conceitos binários de sexo (homem / mulher - macho / fêmea) e gênero (masculino / feminino) são ficções criadas pela cultura humana. Nesse caminho, ela dialoga com diversos autores, entre eles, a própria Beauvoir:

[...] O sujeito culturalmente enredado negocia suas construções, mesmo quando estas constituem os próprios atributos de sua própria identidade. Em Beauvoir, por exemplo, há um “eu” que constrói o seu gênero, que se **torna** seu gênero, mas esse “eu”, invariavelmente associado a seu gênero, é todavia um ponto de ação nunca plenamente identificável com seu gênero. Este cogito nunca é completamente do mundo cultural que ele negocia, seja qual for a estreiteza da distância ontológica que o separa de seus atributos culturais (Butler, 2003, p. 206 – grifo nosso).

Para a autora, pela fluidez e falta de limites definidos que encontramos em todas as coisas naturais, desde a matéria na sua perspectiva subatômica, sem fronteira e fixidez, até as manifestações das quatro forças primordiais da física, que se alteraram e continuam a se alterar na mais lenta expressão do que entendemos como “passar do tempo”, o sexo definido a partir dos limites anatômicos visuais dos manuais de medicina dos anos 1950, ainda em vigor, em nada se encaixa de fato nas diferentes nuances e variações que, na verdade, existem entre as genitálias humanas. Ademais, ela afirma que o conceito de Gênero se coloca até mesmo antes do que é chamado de “sexo” e pode, culturalmente, até mesmo o definir. O Gênero, como uma construção humana, é reforçado ininterruptamente pelas gramáticas de suas linguagens (masculino/feminino – sujeito/objeto) e pela repetição de comportamentos humanos (também entendidos como masculinos ou femininos) de forma tão frequente, perene e, muitas vezes, inconsciente, que, assim, na artificialidade e na repetição social, se configura. Butler inclusive dá nome à manifestação comportamental de gênero: “performance”. Para ela, existem códigos de comportamentos bem definidos socialmente a partir dos quais os indivíduos se apropriam deles, construindo então uma identidade sexual e de gênero. A imagem que ela traz é a de um quarto no qual entramos e encontramos diferentes ferramentas dispostas no chão. Aquelas que apanhamos são as que nos ajudarão a

esculpir nossa identidade, nosso sexo-gênero. Para ela, as ferramentas estão dadas *a priori* pelas culturas humanas e seus formatos e funções viciadas criam as repetidas definições de masculino e feminino que, como a um molde, se fazem repetir nos seres humanos. Como se ao nascermos, a partir do instante em que o resultado de um ultrassom nos afirma como “menina” ou “menino”, tivéssemos já prontos para nossa vida um “kit completo” de como devemos agir para ser o que se predeterminou nos exames ou nas exclamações que se seguem aos nascimentos (“É uma menina!” ou “É um menino!”), como em uma profecia autorrealizável. Nas palavras da autora:

Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado ‘sexo’ seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma. Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo (Butler, 2003, p. 25).

Eis outro trecho no qual ela afirma que a realidade se constrói a partir de nossos atos repetidos no tempo ou, nas palavras dela, nossas performances:

A construção não apenas ocorre no tempo, mas é, ela própria, um processo temporal que atua através da reiteração de normas; o sexo é produzido e, ao mesmo tempo, desestabilizado no curso dessa reiteração. Como um efeito sedimentado de uma prática reiterativa ou ritual, o sexo adquire seu efeito naturalizado e contudo, é também, em virtude dessa reiteração, que fossos e fissuras são abertos, fossos e fissuras que podem ser vistos como as instabilidades constitutivas dessas construções, como aquilo que escapa ou excede a norma, como aquilo que não pode ser totalmente definido ou fixado pelo trabalho repetitivo daquela norma. Esta instabilidade é a possibilidade desconstitutiva no próprio processo de repetição, o poder que desfaz os próprios efeitos pelos quais o “sexo” é estabilizado, a possibilidade de colocar a consolidação das normas do “sexo” em uma crise potencialmente produtiva (Butler, 2000, p. 161).

Butler faz outras duas referências importantes para demonstrar a ficcionalidade da noção sexo-gênero nas sociedades humanas. Uma delas se conecta à sua noção de performance. Nesse sentido, ela cita a atuação das *drag queens*, homens

exageradamente vestidos, maquiados e se comportando como “mulheres”, que, no limite de suas manifestações performáticas, mostram que o “feminino” é uma construção, um papel, e que, por isso mesmo, pode ser tanto amplificado quanto diminuído. Nas palavras de Butler:

Como efeito de uma *performatividade* sutil e politicamente imposta, o gênero é um “ato”, por assim dizer, que está aberto a cisões, sujeito a paródias de si mesmo, a autocriticas e àquelas exibições hiperbólicas do “natural” que, em seu exagero, revelam seu status fundamentalmente fantasístico (Butler, 2003, p. 211).

A outra referência se dá em um processo similar ao de Beauvoir, quando a autora francesa mostra a composição do “segundo sexo” feita a partir da configuração de um Sujeito opressor (o homem) e de um Objeto oprimido - ou sujeitado - (a mulher). Em seu texto, Butler menciona a necessidade da criação de categorias variantes à norma homem-mulher para reforçar, por “contraste” e oposição, sua própria natureza. É o que ela ressalta como o imperativo do destaque de exemplos do que “não é” a fim de reforçar “o que se é”, ou seja, é através do reconhecimento da “anormalidade” que se faz e se reconhece a “normalidade”. É na construção de “objetos abjetos” que o “objeto normal/correto” se afirma, se delimita e se reconhece. Sobre esse aspecto, a autora relata:

Esta matriz excluente pela qual os sujeitos são formados exige, pois, a produção simultânea de um domínio de seres abjetos, aqueles que ainda não são “sujeitos”, mas que formam o exterior constitutivo relativamente ao domínio do sujeito. O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do “inabitável” é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito. Essa zona de inhabitabilidade constitui o limite definidor do domínio do sujeito; ela constitui aquele local de temida identificação contra o qual — e em virtude do qual — o domínio do sujeito circunscreverá sua própria reivindicação de direito à autonomia e à vida. Neste sentido, pois, o sujeito é constituído através da força da exclusão e da abjeção, uma força que produz um exterior constitutivo relativamente ao sujeito, um exterior abjeto que está,

afinal, “dentro” do sujeito, como seu próprio e fundante repúdio (Butler, 2000, p. 153).

O entendimento de Butler é que o caminho para se romper com as opressões de sexo-gênero tão arraigadas na nossa cultura e linguagem só pode se dar exatamente por meio da exaltação daquilo que, como referimos acima, “não é”. Ou seja, ao revelarmos a partir do evidenciamento e do reconhecimento de que todos somos sujeitos a partir de nossas características únicas constitutivas e que, a partir do lugar de negação da norma sexual binária e da hegemonia heterossexual que podemos tornar todos os nossos corpos humanos corpos que importam, pessoas que merecem ter suas presenças reconhecidas socialmente e vidas que valem a pena ser vividas.

Se a materialidade do sexo é demarcada no discurso, então esta demarcação produzirá um domínio do “sexo” excluído e deslegitimado. Portanto, será igualmente importante pensar sobre como e para que finalidade os corpos são construídos, assim como será importante pensar sobre como e para que finalidade os corpos não são construídos, e, além disso, perguntar, depois, como os corpos que fracassam em se materializar fornecem o “exterior” — quando não o apoio — necessário, para os corpos que, ao materializar a norma, qualificam-se como corpos que pesam (Butler, 2000, p. 167).

Nesse sentido, o da negação da norma sexual binária e da hegemonia heterossexual (ou do seu reconhecimento como ficção cultural humana), Carla Rodrigues propõe uma terceira alteração na frase de Beauvoir que, foneticamente para um ouvinte do português, perde pouco da sua sonoridade original em francês. De *on ne naît pas femme: on le devient*, Rodrigues, a partir de Butler, sugere a seguinte alteração: *on n'est pas: on devient*. A troca de termos fundamental aqui se dá na substituição do verbo “nascer” (*naître*, em francês) pelo “ser” (*être*, em francês) e a retirada do substantivo “mulher” (*femme*, em francês) e do objeto direto a ele referido na segunda parte: “*le*”. Tanto *naît* quanto *n'est* (que se traduz por “não é” em português) soam de forma similar em francês. Foneticamente, *naît* e *n'est* têm o som da vogal “e” de forma semiaberta [ɛ]. As suas expressões soam próximas a quando falamos “né” em português. Então, a partir desse exercício de aproximação sonora, a alteração, em português, ficaria:

Ninguém é: todos devimos

A condição de se tornar (ou devir, como prefere Rodrigues) “mulher” mencionada por Beauvoir passa por uma alteração de sentido ao ser confrontada com o entendimento de Butler de que a própria construção da noção de sexo e gênero também é realizada social e historicamente, ou seja, é artificial. Dessa forma, a proposta da frase se altera eliminando a palavra “mulher” e trazendo o verbo ser de forma a expressar que todos, seja no confronto ou na aceitação, derivamos de questões pré-estabelecidas socialmente, que ninguém nasce ou é qualquer coisa antes de se colocar em relação com o mundo e suas construções humanas. Todos tendemos a ser resultado das alternativas dadas pelos contextos (históricos, sociais, linguísticos etc.) que nos rodeiam.

Seguindo a lógica de Beauvoir e a de Butler, proponho uma nova releitura da frase proposta por Rodrigues a partir do pensamento do filósofo Paul Preciado. Nascido em Burgos, Espanha, em 1970, a vida e a obra de Preciado se confundem. Em constante mudança, ele alega que poucas vezes dormiu mais de dez dias em uma mesma cama¹². Seus trabalhos foram escritos nos interstícios do mundo – aeroportos, aviões, quartos de hotel – zonas de transição entre Beirute, Barcelona, Londres, Lesbos, Paris, Berlin, Atenas etc. Designado mulher no nascimento, foi conhecido como Beatriz Preciado Ruiz até janeiro de 2015, quando conseguiu se desfazer da *ficção legal* “Beatriz” e passou a se chamar Paul B. Preciado. Quando Beatriz, era, segundo ele mesmo, uma filósofa lésbica que trabalhava com arte contemporânea na Espanha. Fez seu mestrado em Filosofia na Universidade New School of Social Research, em Nova York, EUA. Lá, foi orientado por Jacques Derrida (filósofo francês) e Agnes Heller (filósofa húngara). Fez seu doutorado em Filosofia e Teoria da arquitetura em Princeton, EUA. Insistimos um pouco na biografia de Preciado porque ele próprio se vê muito próximo à história de Orlando, personagem de Virginia Wolf que, no percurso dos 300 anos de sua vida,

¹² DESPENTES, V. In: PRECIADO, P. *Un apartamento en Urano: crónicas del cruce*. Anagrama, Barcelona, 2019.

questiona os padrões das épocas em que vive, muda de sexo, de estilo literário na própria narrativa e continuamente se desloca pelo mundo. A personagem pertence ao livro *Orlando: uma biografia*, publicado na Inglaterra em 1928. Preciado, aliás, diz frequentemente viajar com esse livro: “Aterrisso em Palermo com *Orlando* embaixo do braço” (Preciado, 2018, p. 27), na nossa opinião, referenciando a mutabilidade e a fluidez da personagem e de si mesmo.

Em seu trabalho, Preciado desenvolve uma filosofia política que vai além das questões de sexualidade e evoca questões políticas e sociais bem atuais, como o destino neofascista na Europa, a crise grega e as lutas zapatistas no México. Para ele, a dualidade sexual e sua epistemologia binária são a estrutura geral de nossas sociedades “tecnopatriarcais e heterocêntricas” e devem ser combatidas, pois a heterossexualidade é tanto uma política de desejo quanto um regime de governo que impõe um sistema de violência e dominação. Diante desse regime, as culturas *queer* e *trans* são as experimentações com gênero que negam a naturalização dessas posições de poder. Ele acredita que, tornando os corpos humanos equivalentes, o poder poderá ser redistribuído.

Como podemos ver, seu pensamento parte de bases similares ao de Beauvoir e de Butler no sentido que reconhece o papel da construção histórico-social das noções de sexo e gênero e de como essas ficções atuam para controlar e oprimir populações. “Gênero não é uma questão de propriedade individual. O gênero nos é imposto em uma rede de relações sociais, políticas e econômicas [...]” (Preciado, 2018, p. 5). Complementarmente, em relação às construções identitárias, ele fez o seguinte comentário em uma entrevista ao jornal francês *Libération*:

A questão da identidade não me interessa. Eu não me sinto espanhol, nem francês, nem católico, nem homem... O que me interessa é a crítica das normas sexuais, de gênero, raciais, patrióticas. O mais urgente não é defender o que somos, homem ou mulher, heterossexual ou homossexual, mas rejeitá-lo, desidentificar-nos da coerção política que nos força a desejar a norma e a reproduzi-la. Como o gênero, a nação não existe fora das práticas coletivas, que a imaginam e constroem. O que vejo hoje não são identidades, mas relações de poder que constroem sexo, sexualidade, raça, classe, o corpo válido. Vamos parar de nos concentrar em identidades, vamos

falar sobre as tecnologias do poder, questionar a arquitetura política e legal do colonialismo patriarcal, a diferença dos sexos e da hierarquia racial, a família e o estado-nação (Preciado, P. In: Daumas, C, 2019).

Um de seus conceitos-chave é a Farmacopornografia. Por meio dele, ele apresenta um interessante complemento à noção de performance apresentada por Butler. Preciado entende que, para além da *performatividade* as pessoas também estão sujeitas às questões tecnológicas que, desde a década de 1950, também atuam sobre as expressões humanas determinando suas características “masculinas” ou “femininas”. Para exemplificar isso, ele se refere à simultaneidade do surgimento da pílula anticoncepcional para as mulheres e do recrudescimento da pornografia para os homens (revistas como a Playboy, filmes, vídeos etc.). As mulheres passam a ter seus comportamentos de submissão e suas identidades sexualmente “objetificadas” - como presas - a partir da libertação da gravidez que a pílula traz, ao mesmo tempo em que os homens têm seus comportamentos de opressores e dominadores reforçados a partir do reforço pornô-erótico dos novos meios de comunicação – como caçadores. É o que Preciado chama de *dispositivos biotecnológicos de controle*.

Para Preciado, precisamos romper com essas formas de determinação social quebrando os conceitos de identidade que, para ele, só fez sentido no século XIX, quando das lutas para que as mulheres pudessem governar a si mesmas, e que, no século XX, acabaram por fragmentar o feminismo em diferentes frentes heterogêneas e, muitas vezes, antagônicas. “Durante o século XX, o feminismo proliferou em um campo heterogêneo, com diversas teorias e estratégias: feminismo direitista, feminismo socialista, feminismo liberal, feminismo cristão” (Preciado, 2018, p. 8). A questão para ele é que os movimentos acabaram por também reforçar e naturalizar a noção de “mulheres”. Não que ele entenda que movimentos como o feminista não tenham mais função. O que ele acredita é que, no século XXI, ele não é mais suficiente para dar conta da complexidade e abrangência dos mecanismos de controle. “Mas, embora a luta pelo reconhecimento das mulheres seja ainda necessária, ela não pode ser feita sob a égide da política da identidade feminista” (Preciado, 2018, p 10). Ele acredita ser necessário deslocar o feminismo (assim como outras pautas, como as raciais e de orientação sexual, por exemplo) de uma política identitária para uma política extensiva de

desidentificação. Devemos resistir às identificações normativas, em vez de brigar para produzir identidades. A essa mudança de posicionamento que busca desfazer as configurações do poder neoliberal contemporâneo que, segundo o autor, está nas logísticas, infraestruturas, redes e técnicas culturais que vivemos, ele chama de *transfeminismo*:

O sujeito do transfeminismo não são as “mulheres”, mas os usuários críticos das tecnologias de produção da subjetividade. Esta é uma revolução somatopolítica: o surgimento de todos os corpos vulneráveis contra as tecnologias de opressão. A figura-chave do transfeminismo, inspirada pelo manifesto de Haraway, não é um homem, nem uma mulher, mas um hacker mutante (Preciado, 2018, p.11).

E é, acreditamos, a partir da proposta de Preciado de que será apenas pela desconexão das identidades fixas em suas diferentes frentes e pelo reconhecimento da real fluidez da natureza e da diversidade das expressões humanas que conseguiremos verdadeiramente nos libertar. Somente desta forma não vamos mais nos orgulhar de esticar nossos grilhões ao máximo pensando ilusoriamente que assim ganhamos mais espaço para viver aquilo que queremos viver. Devemos nos ver livres da opressora necessidade de estar sob normas para nos reconhecermos enquanto indivíduos e precisamos impedir que nossos corpos continuem a ser subjugados pelas repetições reguladas que só interessam aqueles que detêm poderes e privilégios. Nesse sentido, à luz de Preciado, proponho uma nova alteração na famosa frase de Simone de Beauvoir. Da noção de que nos tornamos nosso sexo-gênero a partir de uma construção sócio-histórica, passando pelo reconhecimento de que mesmo a noção de sexo-gênero também é uma construção sócio-histórica e reconhecendo a rica dinâmica de toda e cada uma das várias naturezas humanas, acreditamos que poderemos um dia escrever simplesmente:

Somos em devir.

Nossa proposta de percurso, em resumo:

On ne naît pas femme: on le devient / Ninguém nasce mulher: torna-se mulher

On ne naît pas femme: on le devient / Ninguém nasce mulher: se devém mulher

On n'est pas: on devient / Ninguém é: todos devimos

On est en devient / Somos em devir

Referências bibliográficas

BEAUVIOR, Simone. *Le deuxième sexe*, tome 2: L'expérience vécu. Paris: Folio, 1986.

_____. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FEDERICI, Silvia. *O Ponto Zero da Revolução: Trabalho Doméstico, Reprodução e Luta Feminista*. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

GROS, A. *Judith Butler y Beatriz Preciado: una comparación de dos modelos teóricos de la construcción de la identidad de género en la teoría queer*. Bogotá: Revista Civilizar Ciencias Sociales y Humanas, 16(30), pp. 245-260, 2016.

PRECIADO, Paul B. *Un apartamento en Urano: crónicas del croce*. Barcelona: Anagrama, 2019.

PRECIADO, P. In: DAUMAS, C. *Paul B. Preciado: «Nos corps trans sont un acte de dissidence du système sexe-genre»*. Libération, Paris, 19 mar. 2019. Disponível em <https://www.liberation.fr/debats/2019/03/19/paul-b-preciado-nos-corps-trans-sont-un-acte-de-dissidence-du-systeme-sexe-genre_1716157>. Acesso em: 31 ago. 2023.

_____. *Transfeminismo*. Caixa Pandemia. São Paulo: n-1 edições, 2018.

RODRIGUES, Carla. *Ser e devir: Butler leitora de Beauvoir*. Campinas: Cadernos Pagu (56), 20